

PORTO--Corrida de canôas – Snr. José Machado Leite (vencedor)

(Phot. de J. Azevedo—Porto).

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Climente de Campos A. Feixoto.

### Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia

83, R. dos Martyres da Republica, 91

BRAGA

### CONDICÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno, 2\$200.  
Semestre, 1\$200. Trimestre, 600 rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador  
acresce o imperte das despesas.

Extranjeiro — Um anno, 3\$000.

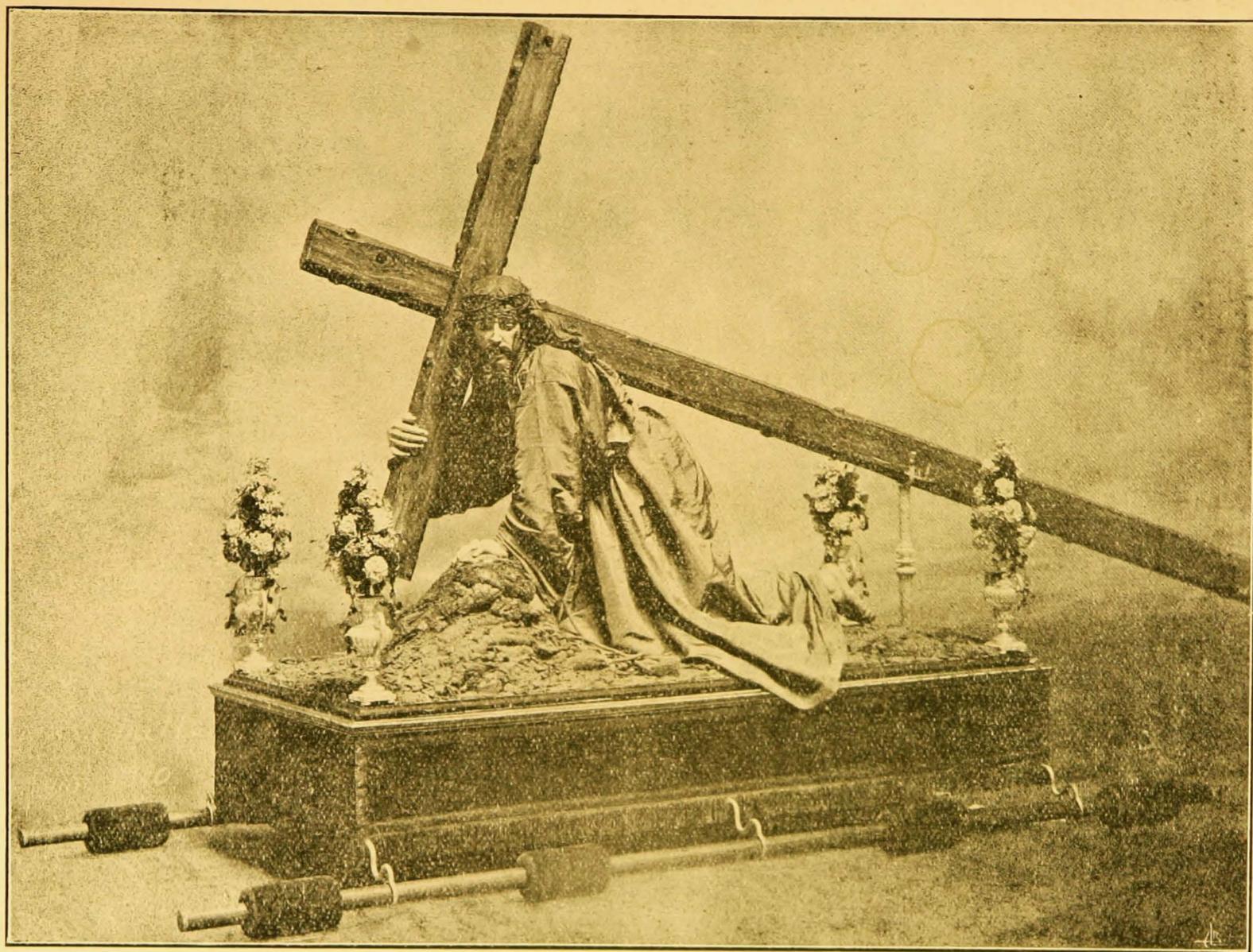
Numero avulso, 60 reis

# Ornamentos de Igreja da Casa Estrella

Oficinas d'Escultura e Talha religiosa  
em madeira, marfim e massa

CASA FUNDADA EM 1874

AS  
maiores  
officinas  
do Paiz



Peçam  
catalogo  
illustrado  
com 143  
gravuras

PORTO

Specimen de uma escultura em madeira

GUARDA

Rua do B. Jardim 85 e 89 e rua de Santo Antonio 59 e 63

Representante e depositario CASA LUCENA—Rua Hellodoro Salgado



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Veloso

EDITOR E ADMINISTRADOR  
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 2 de setembro de 1916

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 166—Anno IV



Em.<sup>mo</sup> Cardeal Agostinho Richelmy, arcebispo de Turim

Nasceu em Turim a 29 de novembro de 1850. Arcebispo da mesma diocese em 17 de setembro de 1897.  
e Cardeal em 19 de junho 1899.

# CHRONICA DA SEMANA

## Miseras Vinganças!

**R**esolvêram agora uns livreiros de Lisbôa publicar sob o titulo, *Pela terra alheia* as notas de viagem que Ramalho Ortigão foi tomando desde 1878 para os seus leitores da *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro. Nunca das pastas onde por uma espécie de caturrice de ferro-velho (ha quem o faça para liquidar contas) me habituei a guardar artigos e nôtulas mais ou menos curiosas que vou topando pelos atravancados salões de armazem que são as paginas das gazêtas, guardára eu algumas d'essas cartas de Ramalho, que muitas vezes repasso pelos olhos.

Li pois, o primeiro volume do *Pela terra alheia*, com o mesmo espirital e espirituoso gosto com que saboreio as cartas referidas, e como sempre que leio Ramalho experimentei a impressão que me ficou da sua figura: impressão de saúde physica, e intellectual de limpeza, de bôa ordem, de aprumo critico, — a graça vestindo a analyse, o complexo destrinçado pela clareza, o imperturbavel sorriso do homem que se destaca da massa, e fêre os detalhes concaturraes dos typos, e costumes livre da ferroepea dos preconceitos que nos levam a mão direita ao chapéu para cortejar em nosso nome sua excellencia a imbecilidade dominante ou a incompetencia dos *grandes homens publicos*...

Só no fim da leitura, porém, reparei em que o *Pela terra alheia* abrange apenas o periodo que vae de 1878 a 1910, logo de mim para mim disse: — Temos a velhacaria feita com o Fialho, repetida!

Não sei se o leitor sabe que Fialho morreu ha seis annos em Cuba pouco depois de um *parvenu* então ministro, e hoje mandão supremo por um estranho jogo mysterioso do destino que entregou este paiz a especulação dos estrangeiros, ter votado em conselho que o másculo vergastador do *Saibam quantos*..., no *Correio da manhã* da Capital brasileira, fosse expulso do paiz por nocivo á republica.

Foram communical'o a Fialho, e o mestre que atravez dos seus irasciveis aziumes de pamphletario, resguardára sempre discreto e commovido, como o grande poema da sua alma, na bella arca lavrada do coração o mais encendrado amor á terra-mãe, sentiu enovellar-se-lhe de encontro a garganta uma larga série de desgostos que subindo peito acima, o asphyxiou por fim n'um mar de dôr, os olhos dilatados antefitando já a glacial e secca planura dos exilios crueis e solitarios como as lentas e horriveis agonias. E quando lhe quizeram depois juntar essas chônicas em volume apenas ousáram reeditar umas trez ou quatro, das menos bravas, não fossem as outras arranhar a encardida pelle da gentalha de gravata e sem gravata.

E assim, ficamos privados de páginas excellentes por ouvir do que se vai ahi capitular-se de defeza da Republica, e se resume afinal, para os republicanos, na mera defeza de si mesmos. O volume que ahi gira sob o nome de *Saibam quantos* é no que respeita ás criticas de Fialho á vida um grande lamentavel lôgro politico do ditoso regimem que fruimos.

Agora, com Ramalho arriscamo-nos a soffrê-lo tambem. Ramalho escreveu de Paris muitas chronicas e cartas para *gazêtas* que refletem a impressão exactamente produzida na retina e no espirito de usaturas civilisadamente cultas, pela politicancia barulhenta do nosso paiz. Essas impressões, depois do advento da republica, em face de toda aquella balburdia, metade vexame metade ridiculo, que foi o *anno provisorio*, segundo a expressão familiar de um revolucionario heroico que fugiu, — foram decerto extremamente desagradaveis a Ramalho.

É comprehende-se. Ramalho não era um elegante, mas um homem bem posto direito e rijo, recto e sadio, amante da bôa ordem, admirando ininterrompidamente tudo o que representa respeito peto pensamento alheio, habituado a lidar com pessoas muito distanciadas dos modos brutaes e dos brados praguejadores, dos gestos descompostos dos carregadores dos mólhes á chegada dos vapores, frisando sempre o seu gosto esthético pelo equilibrio e pela harmonia: a politica é tambem uma arte. Sómente, é uma arte com poucos e rarissimos artistas que a trabalhem com talento.

E a politica de Lisboa nos ultimos cinco annos da sua vida deu-lhe aquelle detestavel spectaculo de varração feirante que elle sublinhou com tédio n'uma chronica admiravel que terminava: — Acabem com isso. A plateia depois de se irritar adormece.

Percebe-se que isto não satisfaça a vaidade desmesurada dos enormes reformadores

que não encontrando meritos proprios para se exalçarem, pediram de emprestimo aos elogiadores profissionaes uma comparação irreverente da sua nùlla vacuidade com a solidez intellectual, d'um Pitt e d'um Pombal.

Mas occultar as ideias de Ramalho por birra partidarista é tão imbecil como repugnante é a vingança do qudrúpede da fábula sobre o leão moribundo...

F. V.

# Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

## Discursos e murros

Um dia, Garrett, com a sua casaca de Londres e a sua tabaqueira d'esmalte, em pleno parlamento de vinte, cançado, horrivelmente cançado, dos desmandos rethoricos de certo jovem deputado minhoto, de voz inflammada e revolta juba leonina, pigarreou, sorriu e disse paternalmente «Rapazes, rapazes»... e preparava-se para o fulminar com alguma sangrenta ironia, quando o moço orador sem se descompôr, retrucou solemne: «Só o senhor tem o direito de ser velho, para fruir o privilegio da impertinencia»... e proseguiu no discurso. Finda a sessão Garrett com o seu melhor sorriso, procurou o juvenil collega para lhe dizer: — «Como é bom ser novo! — O senhor sabe morder; é o privilegio da mocidade! Bons dentes!»

— «Não são postigos, voltou azedo o rapaz.»

A certa allusão descompoz aquelle *brumelismo* constitucional; Garrett tremeu. A sua vaidade, a sua elegancia, sacudiram-se n'um despeito, fizeram-lhe faiscar na pupilla, um clarão d'odio mas o espirito venceu e quando todos suppunham que um conflicto iria estalar, viram com surpresa o mestre travar-lhe do braço e sorrindo dizer:

— «Venha, somos dois homens d'espirito!»

Assim, se tratavam os adversarios em pleno parlamento vintista. Desfechavam chufas, cruzavam-se d'ironias, increpavam-se com enthusiasmo, no fim, dissipada a tormenta, muito galantemente davam-se as mãos, como homens educados, como homens d'espirito. Os processos politicos não tinham descido tanto. Os homens sabiam o que deviam a si proprios para não esquecerem o que deviam aos outros. Podiam ser inexoraveis no ataque, mas não desciam ao insulto. Os deputados vintistas vinham na sua maioria da revolução. Eram portanto ardentes, entusiastas, inflammaveis, com as suas casacas de briche e as suas cabelleiras theatraes. O meio é que era diferente. A athmosphera politica embora carregada, não permittia um desmando a esses *gentlemen* — demagogos viam esmorecer os seus furores desvairados, n'essa escola alevantada da politica. Existia ainda o que pittorescamente se pode chamar o pudor dos processos e durante a sua vida longa e entrecortada de incidentes e tumultos, o parlamento constitucional jámais desceu aos contemporaneos desmandos, á recente bambochata em que vivemos.

Até alli não se chegava sem canceira, e, com rarissimas excepções, nas velhas poltronas de S. Bento só se sentavam—os homens de valor, as authenticas glorias da epocha que só depois da porfiada luta alcançavam o logar. Não bastava como hoje, uma gravata flamejante e uma bôa folha de serviços policiaes. Não. A intelligencia não cedera ainda o logar ao cavallo marinho. Os caceteiros do Conde de Thomar não subiam tão alto como os formigas do sr. Affonso Costa.

Emfim, a differença até n'isso como em tudo, era flagrantissima, immensa. A esmurradella democratico—socialista d'ha dias não seria consentida. Os homens—Deus louvado—ainda por esse tempo ominoso, se degladiavam por principios. A gastronomia politica não corroera ainda, os estomagos dos homens publicos; a barriga estava longe de ser como hoje um symbolo, um padrão. Vinham longe as paixões, os odios modernos, a verrina tragica do pessoalismo ambicioso, cego, que mataria lento os melhores principios, e converteria a velha escola de S. Bento, onde tantas intelligencias fulgiram radiosas, n'um casarão sombrio para uso e abuso de uma centena de senhores espancadores a trez mil trezentos e trinta e trez reis, por cabeça. O espirito cedeu logar ao cacete. O ultimo conflicto, com os seus picarescos incidentes, é um desgarrado detalhe da desordem geral. O interesse pessoal sobreleva a tudo, os dois deputados conflictuosos não poderiam ter dito como Garret—«somos dois homens d'espirito»,—mas poderiam e deveriam,—depois de se abraçarem burguezmente—affirmar com verdade:

— «Somos dois homens de barriga» — e teriam dado, se não com espirito pelo menos, com justeza, a moral do incidente.

Assim é que ficava certo.

## As pombas do Carmo

**E**ra em maio de 1430, a lua illuminava n'uma luz argentea de reflexos d'opala as arcarias em construção ainda do mosteiro do Carmo, em Lisboa; nos claustros um frade prostrado em extasi aos pés d'uma translucida Virgem de alabastro, não sabe se a luz é a d'um luar moribundo se a d'um nascente Sol, a face bebida de jejuns; macerada nas vigílias, os olhos estranhos esquecidos do Somno, as mãos lindas de cêra, descarnadas, immoveis nas contas negras d'um roziario na altitude d'uma prece interrupta...

E' velhinho, corcovado, a barba alba de neve, mas é de rija tempera e o dia surprehende-o onde a noite o deixou.

Vae clareando suavemente a madrugada e o Frade continua meditando de contas na mão ou de livro entre aberto... o panorama illumina-se pouco a pouco, vae-se desenhando n'um ceu esfumado Lisboa, o Castello, S. Domingos, o Paço do Andeiro, Santa Maria de Belem, Valverde, lá ao longe Almada, e n'um horizonte de sonhos Aljubarrota, e o Frade medita de livro entre aberto...

A toutinegra entôa o seu hymno matinal, enquanto emudecem os ultimos trinados do rouxinol, as madre silvas e os jasmims, que se abraçam por os claustros perfumam o ambiente suavemente, um mystico silencio que falla, cortado ainda pelo vôo molle e languido das pombas que esvoaçam nos primeiros lances d'amôr, construindo ninhos por entre as arcarias gothicas; ao entardecer assim vão e veem n'um labutar continuo enquanto o Frade sentado e tranquilo conversa por vezes com altos personagens que o escutam attentos. As pombas saúdam como emissarias do ceu e á voz do Frade que as chama, como uma nuvem de pennas abatem-se-lhe aos pés por um grãosinho de milho...

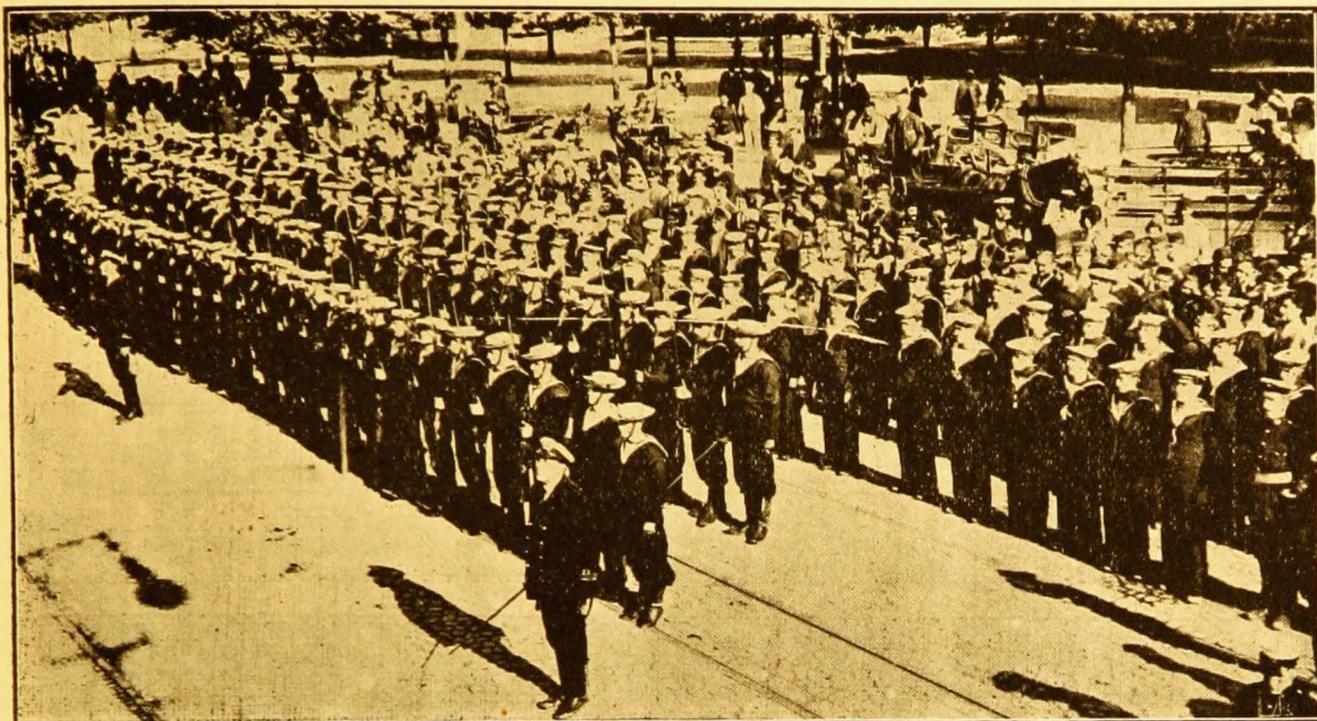
E' 15 de novembro de 1753, um terramoto abala Lisboa, arraza monumentos, cae o Carmo e a Trindade, mas: os ninhos das pombas do Carmo ficam de geração em geração invulneraveis aos estragos dos tempos, como um pensamento vivo para recordação dos mortos, fieis á pedra que mais fiel é do que o homem, e que em si só guarda os segredos do Passado a esperança do Porvir.

E' no seculo XX, o Frade do Carmo já morreu ha muitos seculos, do mosteiro restam apenas as ruinas entre tumulos e pedrarias d'heraldica seculares.

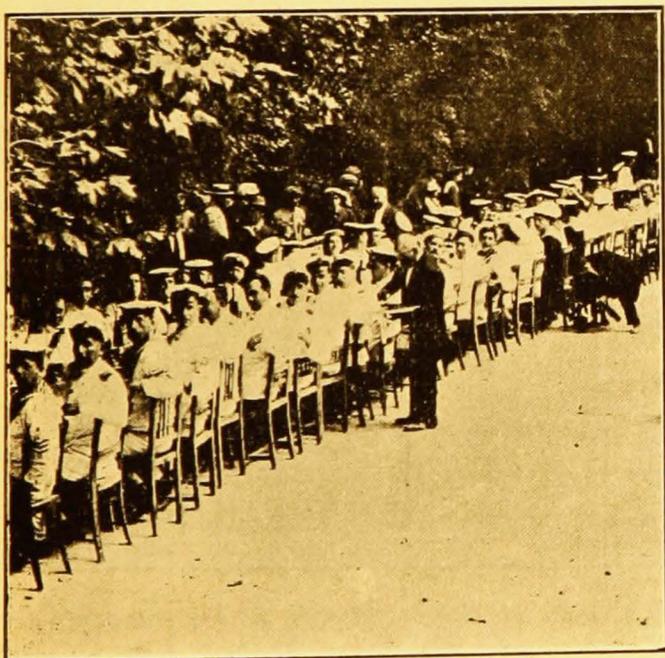
As ogivas e ás arcarias enleiam-se as éras que no seu colorido acláram a cinza da côr do scenario, onde ainda vive a alma do Frade perpetuando a sua memoria n'um exvoto d'almas christãs á Virgem da Victoria e á Patria da Virgem.

O ar parece ainda impregnado do incenso e da mystica austeridade dos ritos dos frades, as pombas, unicos habitantes destas ruinas, parecem ainda adormecidas ao som monotonico do côro dos Carmelitas, e espreitam, com as cabecinhas entre as azas, fóra dos ninhos, quem vae e quem vem, como anjinhos immoveis nos paineis.

Hoje... é noite na Patria, os tempos mudaram, fusilam os relampagos, no mar a procêla agita as ondas, o ribombar do trovão, e as pombas do Carmo vão e veem, impassiveis ás tempestades, parecendo sempre sorrir, cortam os áres em vôo calmo e mystico, vão ficando d'era em era, como cariatidas vivas d'esse *ex-voto* entre as pedras seculares e as arcarias gothicas; ninhos de pombas, ninhos pios e mysticos feitos de reliquias de santos, com habitos de frades e hervas bemzidas; ninhos d'amôr como os de Belem feitos de palhinhas da crêche do Rei Menino; como os de Nazaré tecidos dos fios do linho da Virgem; como os de Bethania de fios de prata da roca de Martha, de fios de ouro dos cabellos da Magdalena; ninhos de fé e d'amôr, ninhos portuguezes de pombas fugidas d'Aljubarrota, ninhos, que são, feitos das palmas da Victoria de Valverde ou dos louros dos Atoleiros, ninhos de pombas que vão e que veem, pombas de ninhos que ficam sempre onde o Frade não ficou...



*A visita dos marinheiros ingleses — A continencia ao presidente da Republica*



*O almoço em Cintra*



*Após o almoço.—A confraternização dos marinheiros portugueses e ingleses*



*A chegada de Cintra*



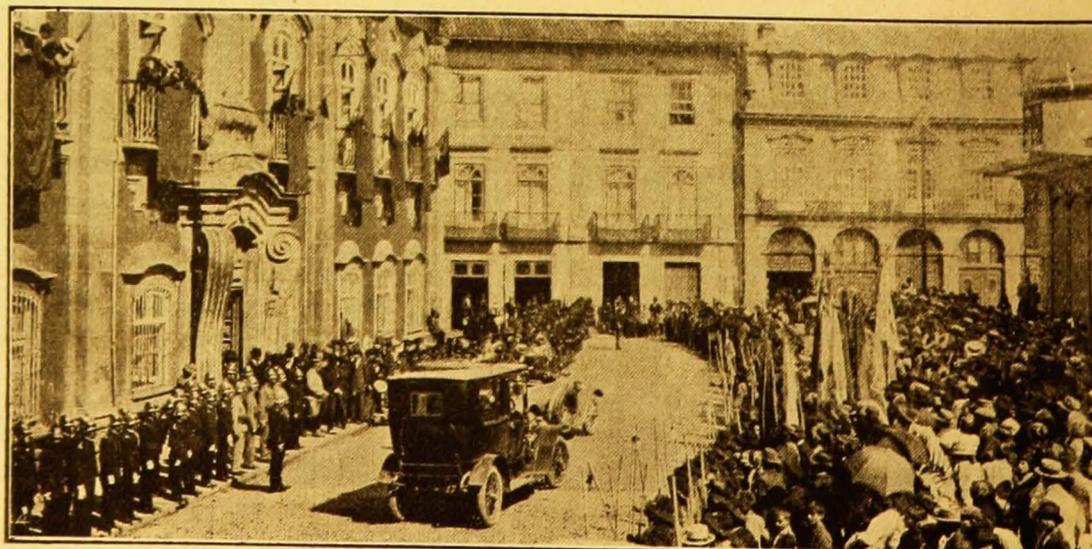
Visita dos officiaes inglezes ao Presidente da Republica — † Presidente. O Ministro da Inglaterra.  
 x Presidente do ministerio. • Commandante da armada ingleza



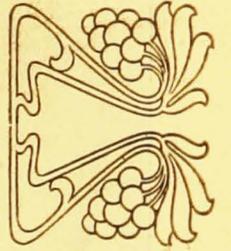
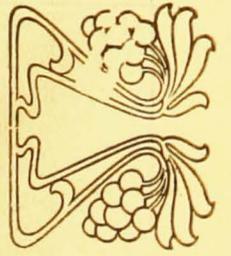
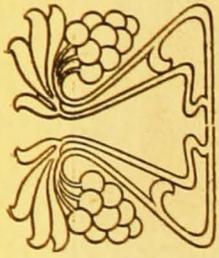
O sr. Ministro da Guerra em Braga—Apoz o almoço no Bom Jesus do Monte.—1.º plano, da esquerda para a direita os srs. General Antonio Maria de Sá Chaves Pinto, commandante da 8.ª divisão, Dr. Manuel Monteiro, major Norton de Matos, ministro da guerra, Bento d'Oliveira governador civil substituto, Dr. Eurico Taxa Ribeiro, presidente da camara municipal e Dr. Armindo Faria. 2.º plano: Coronel Forbes Costa, chefe d'estado maior, coronel Justino Fernandes, commandante d'infantaria 8,

Antonio A. Marques d'Azevedo, commissario de policia, capitão Miguel Ferreira, commandante da guarda republicana, tenente Martins, ajudante do ministro da guerra. 2.º plano: tenente Pinto Ribeiro, alferes Nogueira, coronel Velho de Chaby, commandante de infantaria 29 e coronel Brandeiro, commandante de cavallaria 11.

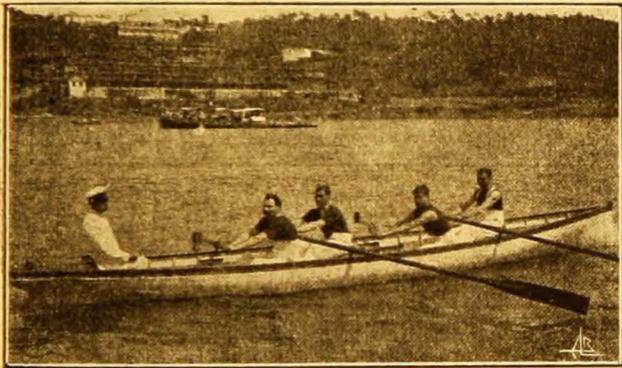
2.—O sr. ministro da guerra sahindo da camara municipal apoz arecepção. (Phot. Belleza )



# Regata promovida pelo Club Portuense



O jury



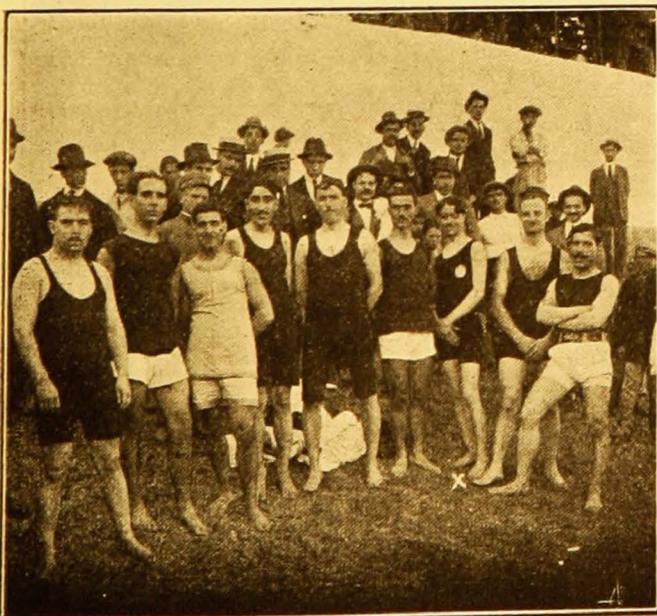
Corrida de escaler

A tripulação do snr. Manuel Martins, vencedora



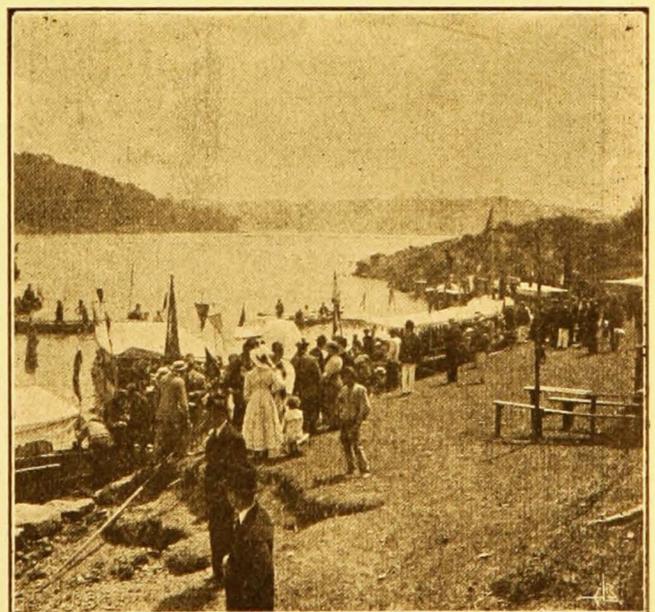
Corrida de guigas

Tripulação vencedora do snr. José Ferreira Nunes



Natação

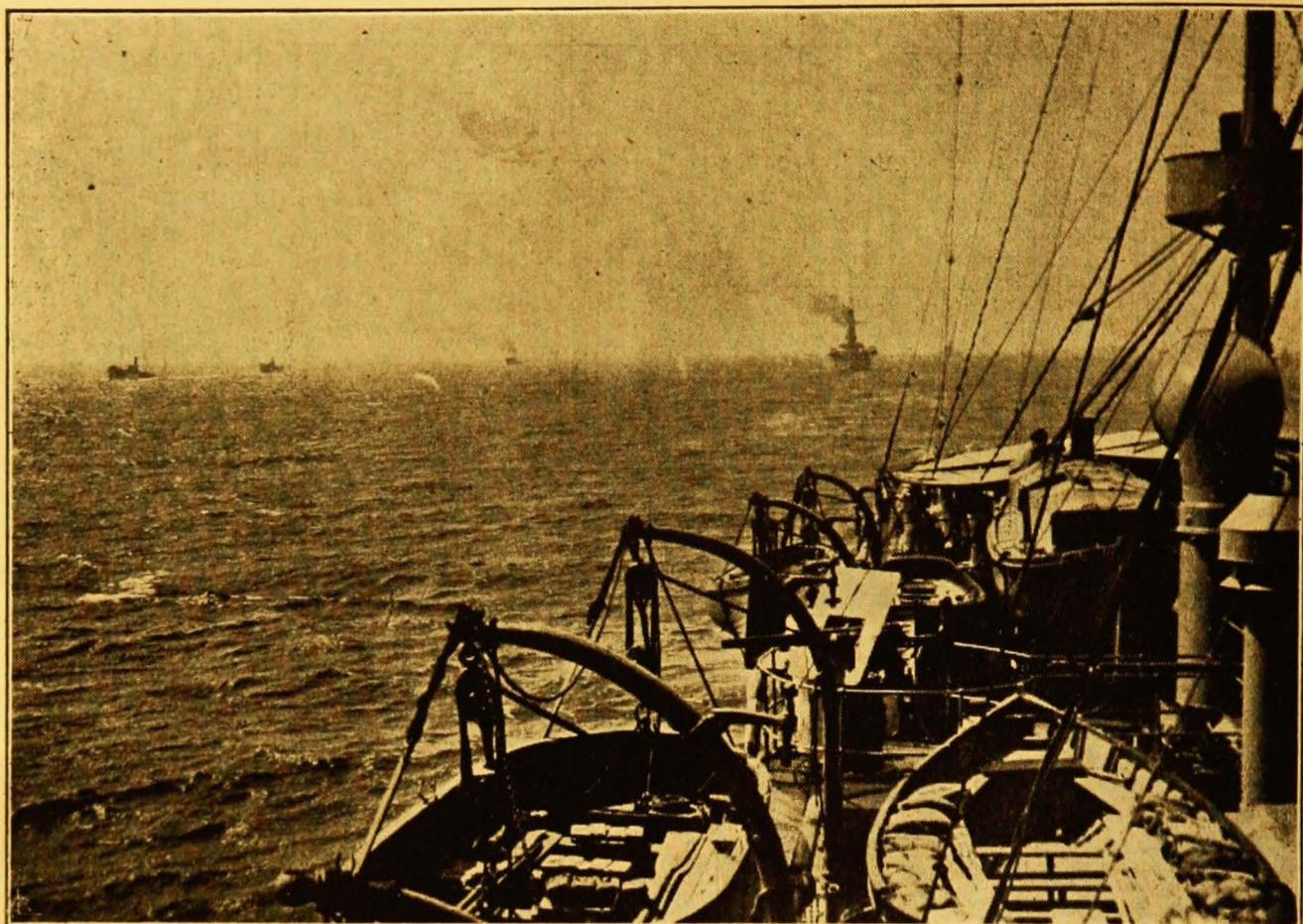
Grupo dos nadadores e do vencedor † José Marinho de Mesquita



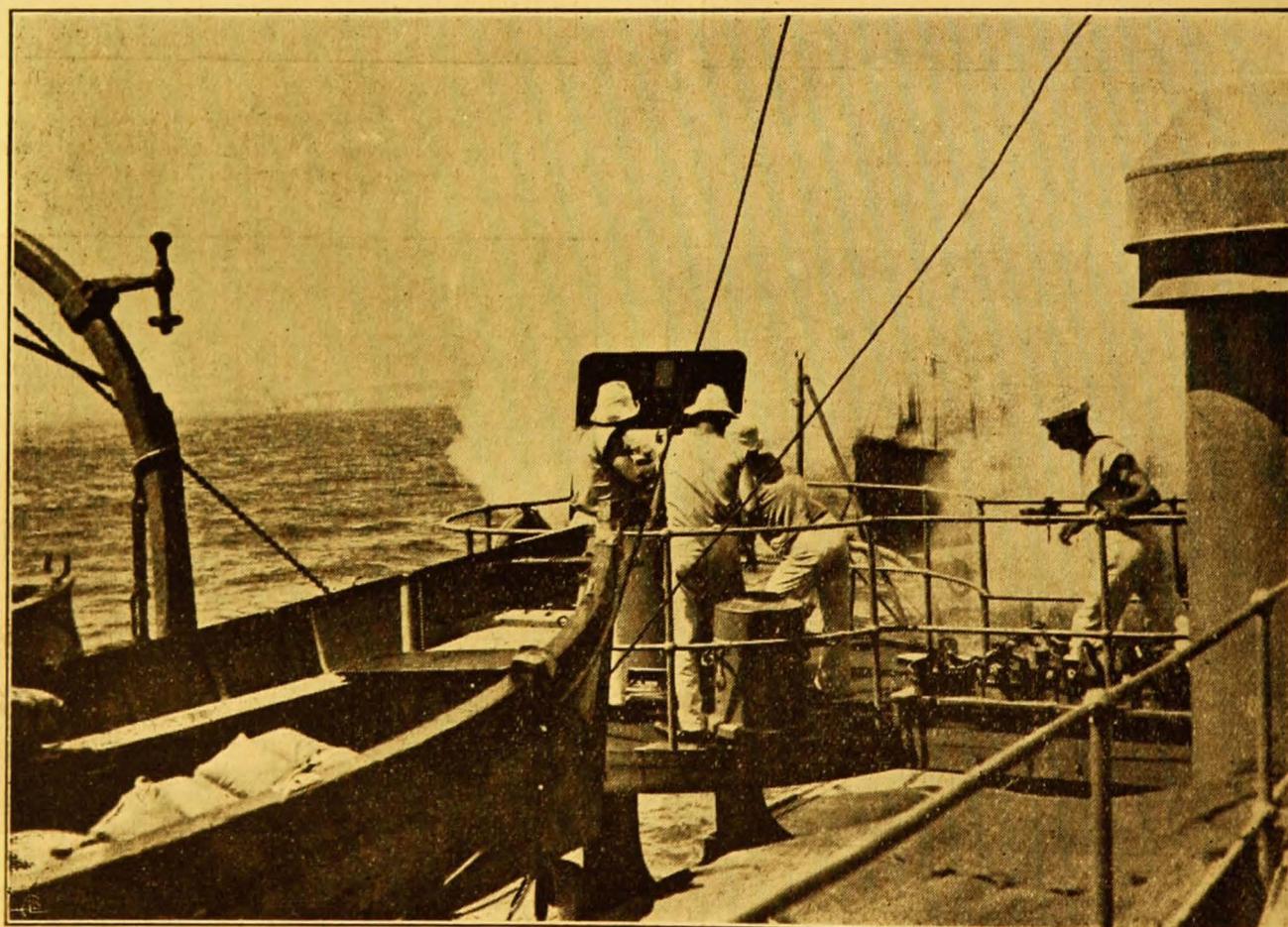
Um aspecto do desembarque no local das corridas

(Phot. J. Azevedo)

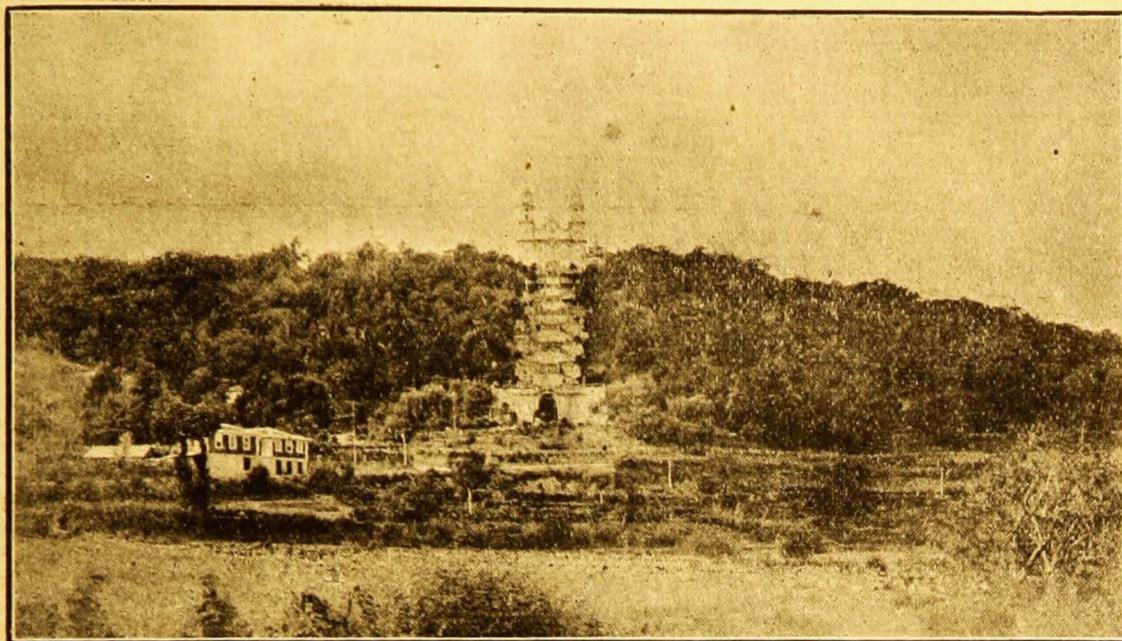
# Exercícios da Armada



*Os diversos navios no Tejo*



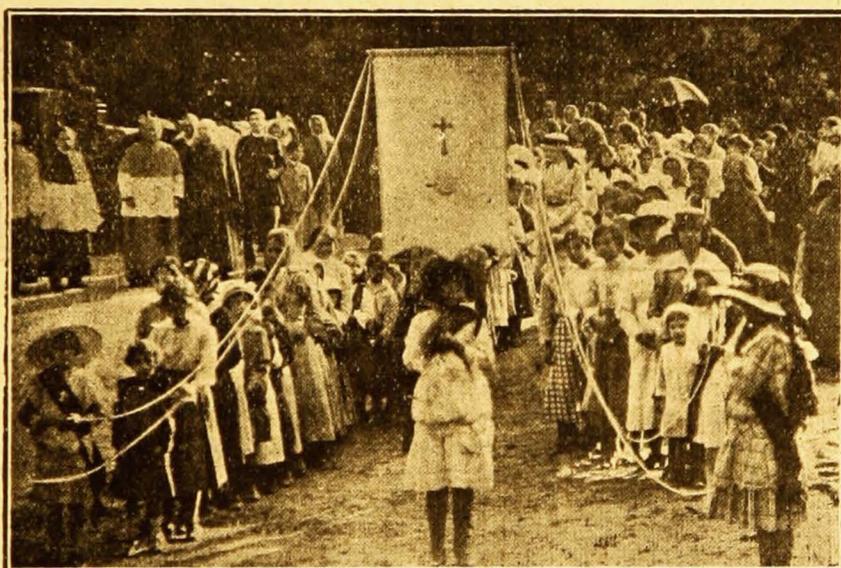
*Um cruzador disparando*



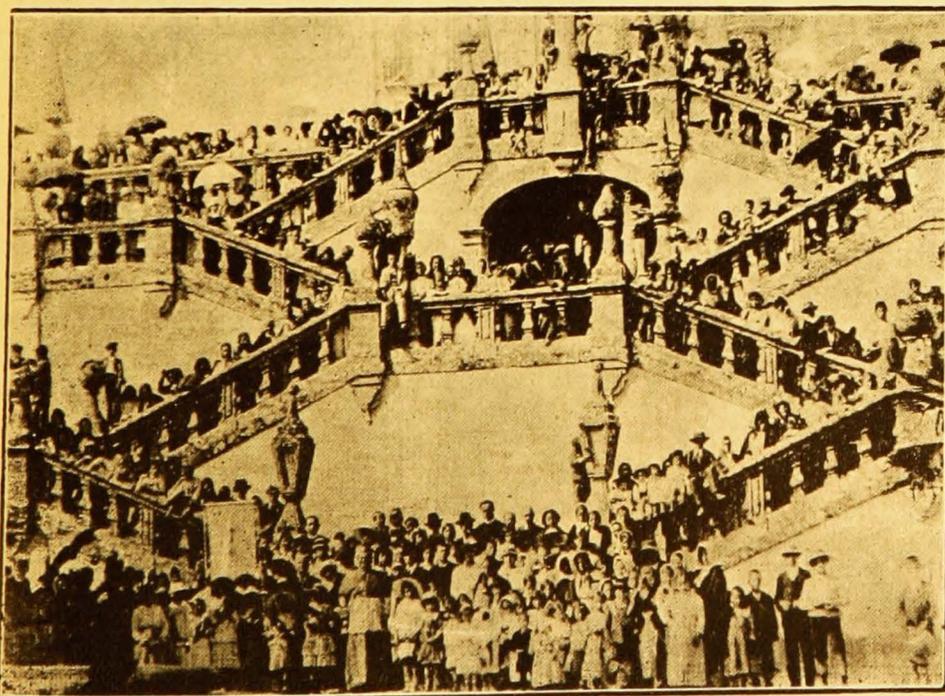
Lamego—O Sanctuario da Senhora dos Remedios

## Peregrinação das creanças da cidade de Lamego ao Sanctuario de N. S. dos Remedios

Como estava annunciada efectuou-se no dia 17 a peregrinação das creanças da cidade de Lamego ao Sanctuario de N. S. dos Remedios. Foi uma festa imponentissima que deu brado n'essa cidade. Para cima de mil creanças acompanhadas pelas familias e muitos peregrinos que da cidade e circumvizinhanças acorreram ao Sanctuario, apresentavam um espectáculo grandioso e verdadeiramente solemne. Toda a multidão se agrupava encantada em volta do enorme batalhão de mil creanças formadas duas a duas, tendo ao centro os catechistas distanciados de dois em dois metros, e à frente a bandeira da freguezia de Almacave ladeada por quatro pagens da Eucharistia. Era surprehendente de belleza essa parada infantil que alli esperava

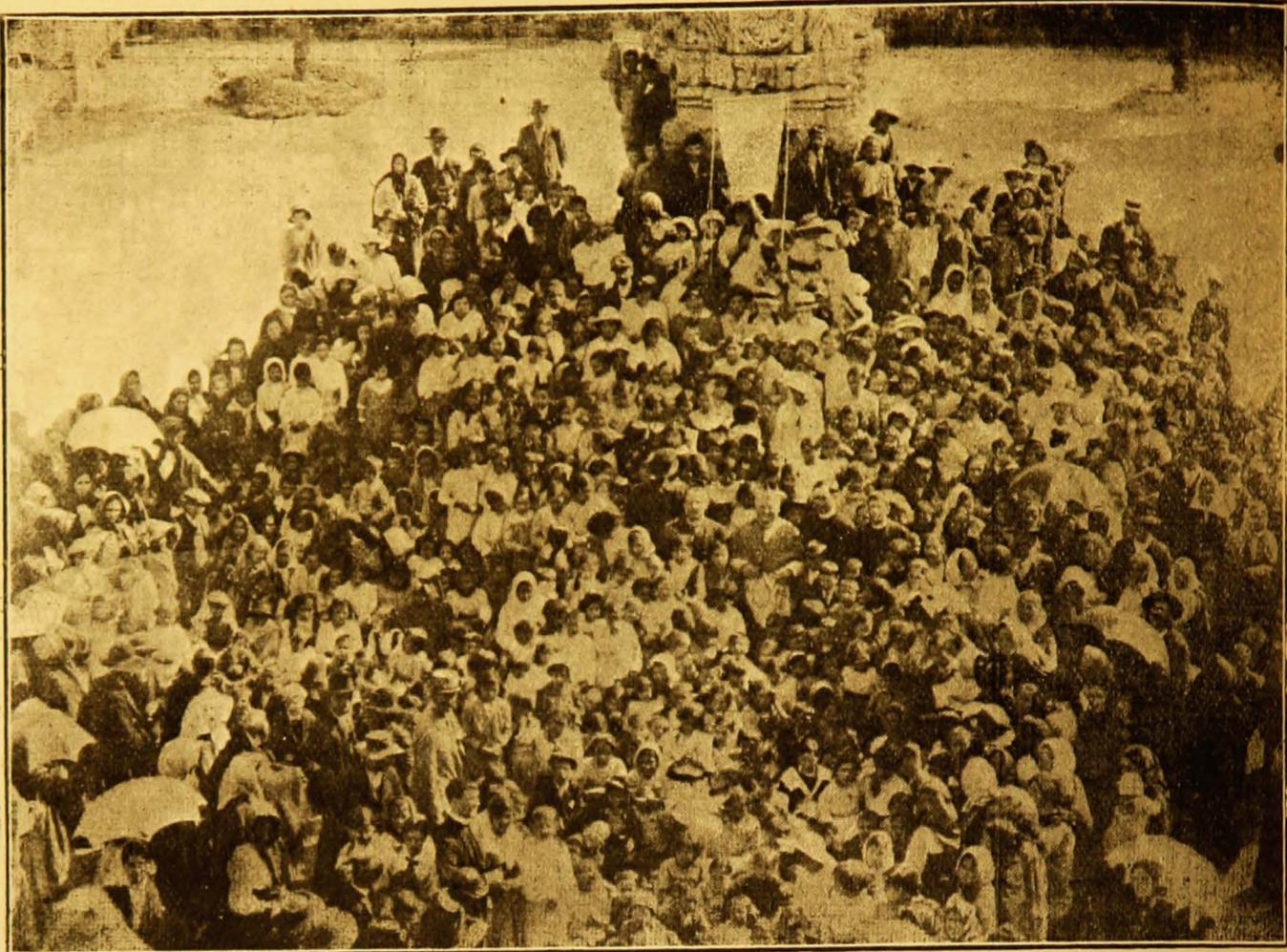


A chegada do Senhor Bispo D. Francisco José. A' direita o Ex.<sup>mo</sup> snr. Conego Victor e Abbade da Sé padre França e à esquerda o snr. Abbade d'Almacave rev. João da Piedade F. de Menezes



A caminho do almoço servido ás creanças A' esquerda do Senhor Bispo o snr. Antonio Albino d'Andrade, director do Banco do Douro, caracter impoluto

o seu bondoso Prelado. A's 9 horas chegava o Venerando Bispo Sr. D. Francisco José que visivelmente impressionado abençoava a multidão de fieis que sentida e respeitosa sauda o seu querido Bispo. De repente ouve-se um grandioso cântico entoando o «Virgem Pura» e toda aquella multidão começa a mover-se, seguindo a enorme fila de creanças que levavam à frente o estandarte dos Pagens da Eucharistia abrindo caminho para o Sanctuario. Atrás seguia o Sr. D. Francisco José ladeado pelos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Conego Victor José d'Oliveira Abbade d'Almacave João da Piedade Ferreira de Menezes e Abbade da Sé P. França. A entrada no templo foi unica e intensamente emocionante. Mil creanças acompanhadas a orgão e divididas em grupos regidos pelos gentilissimos filhas dos srs. Ricardo de Castro (Brolhos) Antonio Girão (Alpendurada) Ex.<sup>mas</sup> Sr.<sup>as</sup> D. Maria da Gloria, Directora do Collegio de N. S. dos Remedios, D. Maria José Ramos e D. Laurinda Silva, entoaram



*Um grupo geral*

canticos á Virgem com tanta simplicidade, entusiasmo e encanto que arrancaram lagrimas a toda a assistencia. Após alguns momentos de oração, ergue-se o Sr. D. Francisco José para se paramentar começando em seguida a Missa. E' ainda o grandioso côro de mil creanças que se encarrega de dirigir os canticos e as preces durante a celebração do Santo Sacrifício que os fieis ora escutam ora acompanham presos de vivissima comoção. Porém o momento de todos o mais solemne e comovente foi quando essas mil vozes guiados pelo rev. P.<sup>o</sup> Alberto Duarte fizeram uma serie de invo-

cações á SS.<sup>ma</sup> Eucharistia e á Virgem Nossa Senhora.

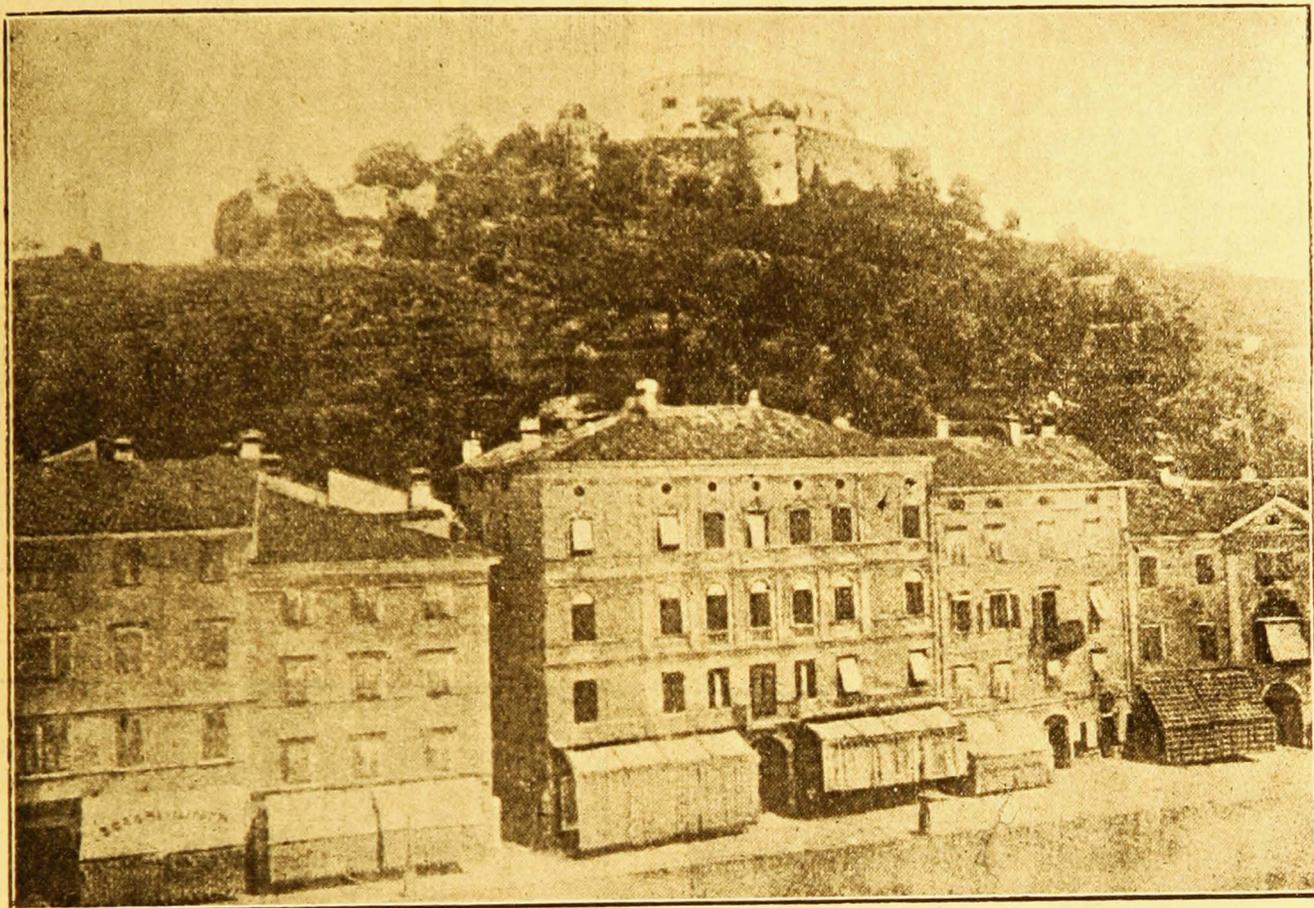
Foi unico e indescrível esse momento, que o Snr. Bispo coroou com a benção do Santissimo Sacramento.— Terminados os actos religiosos, lá vae o estandarte dos Pagens da Eucharistia rompendo por entre a multidão que cantando sempre, sae do Sanctuario aglomerando-se no adro onde foram tiradas differentes photographias. Em seguida foi servido a todas as creanças pelas familias da nossa primeira sociedade um variado almoço, terminando assim esta festa tão sympathica que deixou em todas as mais gratas impressões



*O grupo da catechese d'Almacave com os Pagens da Eucharistia e estandarte. Em baixo o Senhor Bispo e as catechistas, as Ex.<sup>mas</sup> Senhoras D. Maria do Carmo e D. Maria Joanna (Brolhas) D. Maria Josephina (Alpenaurada) D. Maria da Gloria—Directora do Colegio de N. S. dos Remedios, D. Maria José Ramos e D. Laurinda Silva.*

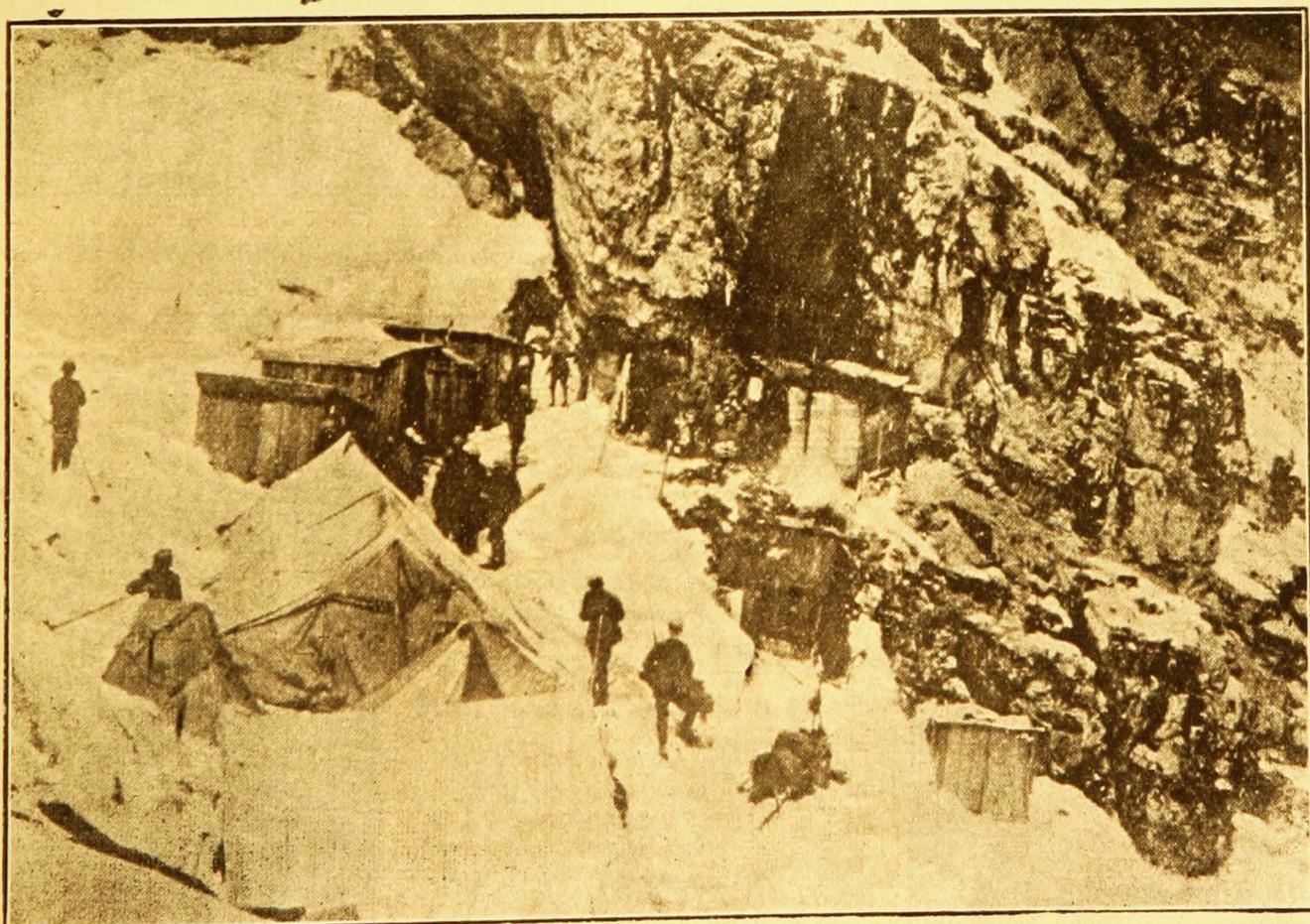
(Phots. João T. Gonçalves)



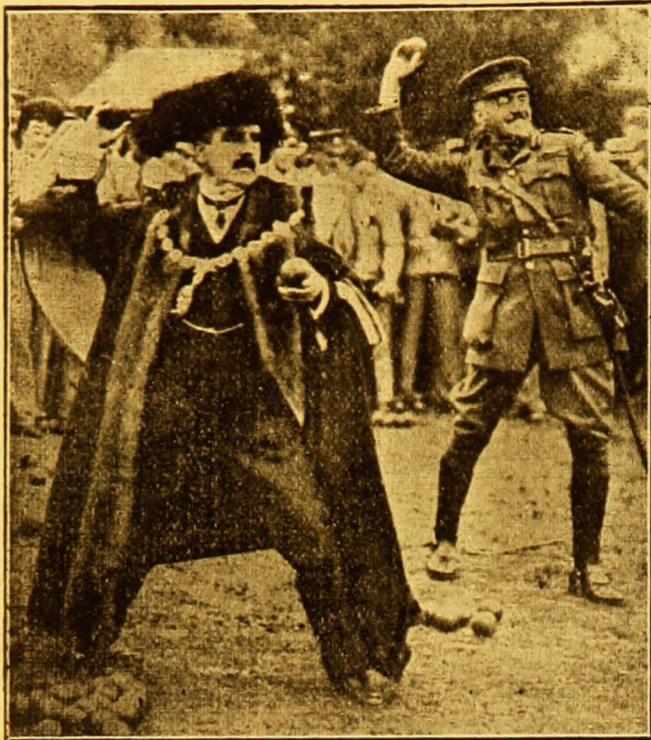


A Nice austriaca

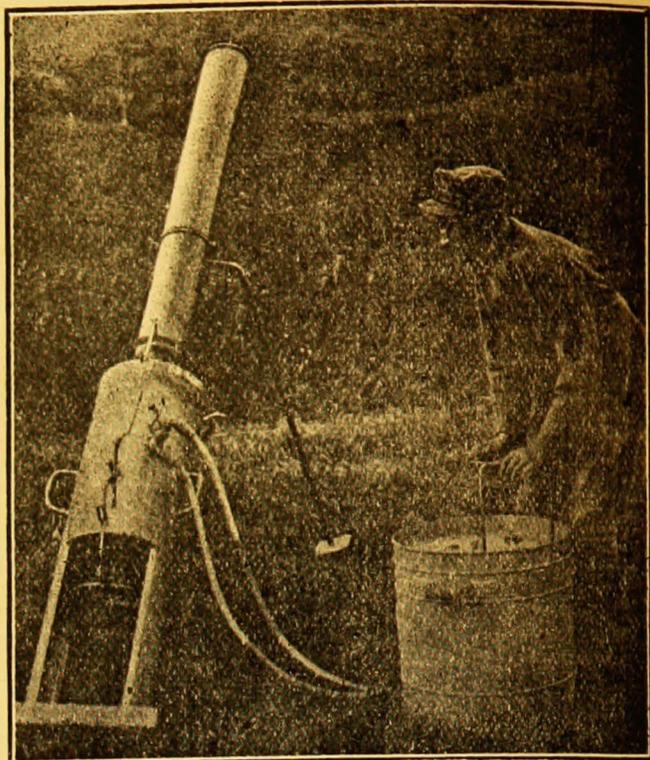
*Uma das ruas mais importantes da cidade de Gorizia*



*A luca no Isonzo — Um pittoresco acampamento italiano*



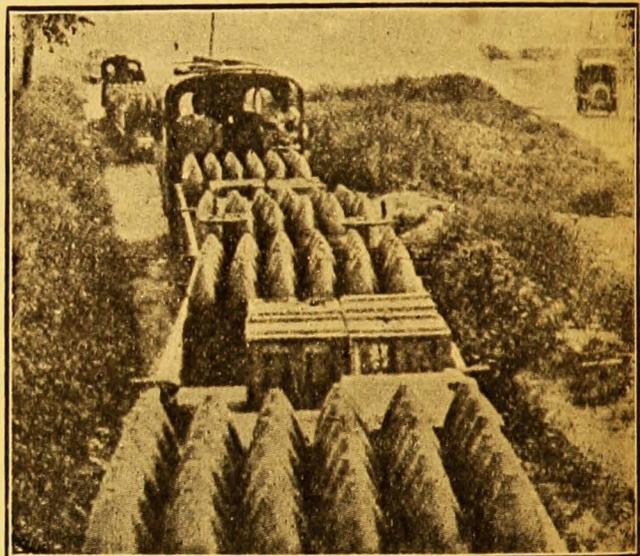
O Lord Mayor de Londres e o general Mackintosh entretendo os feridos da guerra, durante a convalescência,



Um soldado italiano disparando bombardas



Os soldados ingleses com as mascaras protectoras contra os gazes asfixiantes, alojados nas trincheiras da 1.ª linha em Salonica



Um comboio de munições a caminho das linhas francezas em Verdum



OS TREZ AMIGOS INSEPARAVEIS

Da direita para a esquerda:  
Cypriano Borges,  
Francisco José Machado Guimarães  
e Idalino Machado S. de Faria  
e Almeida Dosguimarães?  
descendente da casa d'Arcozello.

O rev. padre Lucio Fanha, abbade  
de Lago, com os dois rapazes  
por elle salvos no  
rio Cavado.



# Carnaval perenne

## Multidão pittoresca

POR EDUARDO DE NORONHA.

**E**NXAMEIAM em Bombaim cerca de um milhão de almas. Nunca a palavra cosmorama se applicou com mais propriedade e acerto. Através das ruas, espaçosas e largas, de praças de enorme amplidão, de congostas tortuosas, de meandros inextrincaveis, orlados por estações de linha ferrea monumentaes, por templos de architectura ora arrojada e dominadora, ora complicada de estylos sobrepostos a prejudicarem-se sem nenhuma significação classica ou de bom gosto, por palacios que excedem a fantasia de qualquer architecto em desvario, edificios publicos como o do *Post office* (correio) prodigio de sumptuosidade, como o museu, majestoso e contendo nas suas salas preciosidades inestimaveis.

Aglomeram-se dentro d'aquellas mansões, de estonteante luxo oriental, riquezas consideraveis. Os parsis, principalmente, dispoem de copioso numerario que alli se designa por laques de rupias (quarenta contos). Um d'elles, por exemplo sir Dorabji Tatá, gosa da fama de possuir quinze mil contos, augmentados todos os annos por sommas importantes.

Houve uma época em que Malabar hill se considerava o sitio escolhido para as construcções da moda. Alli se ostenta a residencia do governador, moradia em todo o ponto digna do alto funcionario que a occupa. Mas os *parsis*, a estourar de dinheiro, a impar como rans, ciosos das prerogativas dos europeus, compraram pouco a pouco os *bungalons* (casas de campo) já construidos, os terrenos vagos, os melhores e mais pitorescos locaes, de modo tal que a habitação da primeira auctoridade d'aquella importante presidencia quasi abafa, rodeada, como se encontra, por esplendidas vivendas dos habeis e felizes adoradores do fogo. A argentea rupia passou mandado de despejo á aurea e sterlina libra.

São geraes os clamores na Europa do preço elevadissimo das rendas das casas. Essa carestia apoquentá os europeus em Bombaim como um quasi indebelavell flagelo. Os alugueres ascenderam a taes quantias que o governo viu-se na necessidade de acudir a semelhante calamidade edificando casas por sua conta. Para se avaliar de que monta é esse percalso basta dizer que uma modesta casinha de cinco divisões cota-se-lhe a renda entre um conto a um conto e quatro centos. Accresce a esta verba avultada outras, e são muitas, a que o europeu, em especial o inglez, não se pôde eximir, como numerosos serviçaes, carruagem aturada e um luxo... asiatico.

Nem tudo delicia o olfato do forasteiro n'esta colmeia de permanente labuta. Dos bairros indigenas, apesar, de todas as medidas hygienicas e da acção constante e implacavel da policia, resuma um odor acre e irritante á banha de bufalo, á chamada "man-teiga do norte", onde o ranço entra n'uma parcella extremamente sensivel ás narinas dos barbaros do Poente. Mas breve nos habituamos ao persistente fétido, ou antes a nossa visão poderosamente attrahida—porque a acuidade de um sentido attenua bastante a intensidade do outro—faz-nos esquecer quasi, por completo, a má impressão recebida pela pituitaria.

A multidão, a multidão colorida, sarapintada, extravagante, n'uma indescriptivel aberração de cambiantes, simultaneamente amalgamadas e diffusas, deslisa ou estaciona,

conforme o influxo e a corrente das suas necessidades e interesses. A turba desperta viva curiosidade. Quasi toda descalça, mal se sente a bulha das suas passadas no pavimento das ruas. As figuras que a constituem tomar-se-hiam por figuras de um animatographo gigantesco se as anilhas e braceletes de prata com que as franzinas e gentilissimas mulheres ornamentam os bronzeados pulsos e tornozêlos não produzissem um cascalhar discreto, timido, apagado.

Para nós, occidentaes, afigura-se-nos uma interminavel mascarada nos tempos aureos dos luxuosos e artisticos Carnavaes. Desfilam *parsis* com os seus altos e pontegudos chapéus de oleado a imitar, sem o pêlo, as elevados e decorativos barrelinas dos antigos porta-machados; afôfam-se em commodas e custosas carruagens, puxadas por parellhas de subido valor gordos nababos, azevieiros negociantes de grosso trato, mahometanos occultando a tonsura nedia e espelhosa em magnificos turbantes de seda e oiro; perpassam em pequenos grupos raparigas delicadas, de tez côr de azeitona, equilibrando na anca esquerda os filhos mais rachiticos e enfezados do que saguis em floresta incendiada e fazendo ainda mais esgares do que essas feias, mas graciosas caricaturas do genero humano; mulheres que seguram na cabeça bem modelada e intelligente, onde brillham pupilas vivas de uma infinita doçura, um nodoso bambú sobre o qual se alcandoram, senhores de si, arrogantes, pretenciosos, pupilando de ora em quando com a sua voz esganiçada, dissonante, alguns pavões, de leque disparado, de plumagem iriada, marchetada de olhos de matizes brilhantes, pregados alli, a acreditar a mythologia, pelo despeito de Juno quando Argus deixou que Mercurio roubasse lo, transformada em vacca: moçoilas quasi impúberes de tornos esculpturaes, de seios tumidos apenas velados por uma transparente tunica de alvura immaculada, ou então vermelha como o «trápico» de um *espada* sevilhano, com um panno enrolado em volta da cintura e cahido em pregas flexiveis, por assim dizer incorporeas, outras vezes com os hombros mal cobertos com uma especie de chale, capa rubra de Mephistopheles que não poucas vezes leva apóz si, do menear suave da dona, os desejos voluptuosos de quem se embevece na sua contemplação,

Ao lado d'estes curiosos e interessantes exemplares do sexo feminino desfilam bellicos mahratas com a barba negra bipartida, cheias da sua secular extirpe guerreira. homens das montanhas, do Nepal, do Afghanistam, do centro da Asia, de physionomias expressivas e energicas, de multiplos indus sem uma gotta de sangue hybrida na sua progenie de origem semi-divina, de andar grave, hieratico, denunciando em cada movimento uma elegancia aristocratica, uma ancestral nobreza de maneiras e de apresentação.

Mais adeante, em frente dos monumentaes hoteis a regorgitar de hospedes provenientes de todos os rincões do universo acocoram-se domadores de serpentes que fazem dansar cobras mosqueadas, viboras de venenos fulminantes, manguços desdentados; além acocoram-se bufarinheiros a vender betel, filhós de aroma insupportavel, doces eivados de especiarias nauseabundas, condimentados com tempêros exóticos. Tudo isto se movimenta ou inutiliza, n'uma repetição constante que nos deslumbra e aturde, que nos fatiga a vista e o cerebro que junto com o calor, pesado e humido, nos produz como uma somnolencia invencivel, muito visinha de um pesadêlo esmagador, afflictivo.

---

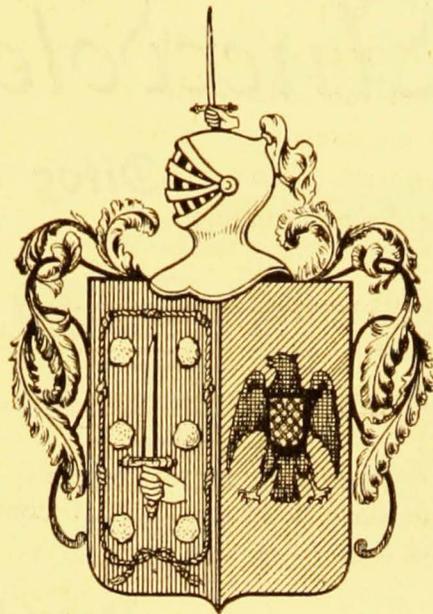
Qual é o homem tão degenerado, que se atreva a dizer que não é capaz de amar? E qual é o que, sendo capaz de amar as creaturas imperfeitas, se não envergonhará de dizer, que não é capaz de amar o seu Deus?

\*

As virtudes d'aquelle, que não ama a a Deus, são nullas; e as suas melhores obras são, como os fructos d'aquellas arvores que se encontram junto ao Mar Morto, bellos á vista, mas que, ao colherem-se, se não acha entre as mãos senão um pó ligeiro e negro que o vento leva.



(Travessas)



(Lage)

# Casa das Travessas

**17.** 0 neto de D. Soeiro Reimondo, senhor da casa de Riba de Vizella de quem tambem era filho Pedro Soares de Alvim, senhor do solar de Alvim, avô de D. Leonor de Alvim, mulher do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira. 18.º neto de D. Reimão Paes de Riba de Vizella. 19.º neto de D. Paio Pires Romeu. 20.º neto de D. Paio Formeris de Riba de Vizella, illustre fidalgo francez que veio por esta de Pedro Mendes de Aguiar e de D. Estevainha Mendes. 16.º neto de D. Pedro Paes Corrêa e de D. Dórdia Paes. 17.º neto por esta de D. Mem de Gundar, bom cavalleiro, capitão que acompnhon o conde D. Henrique, e de D. Goda. 18.º neto de D. Mem Pires de Aguiar. 19.º neto de D. Pedro Hueris e de D. Thereza Airas. 20.º neto de D. Huer Gueda "O Velho". 17.º neto de D. Paio Soares Corrêa, senhor da casa e Honra de Farelães e de D. Maria Gomes da Silva. 18.º neto de D. Gomes Paes da Silva e de D. Urraca Nunes. 19.º neto por esta de D. Nuno Soares "O Velho," e de D. Mór Pires Perná. 20.º neto por esta de D. Pedro Paes Escacha. 19.º neto de D. Paio Gutierrez da Silva Alderete, Rico-homem do conde D. Henrique, Adeantado de Portugal no tempo de D. João VI de Castella, senhor da Torre e solar da Silva, e de D. Sancha Anes filha de D. João Ramires. 20.º neto de D. Guterre Alderete da Silva e de D. Maria Pires de Ambia, 21.º neto de D. Affonso Pires de Ambia, progenitor das illustres casas dos Silvas em Portugal e Castella. 18.º neto de D. Soeiro Paes Corrêa e D. Urraca Hueris filha de D. Huer Gueda "O Velho," já referido. 19.º neto de D. Paio Ramiro, senhor da casa, Honra e Torre de Farelães. 10.º neto de Diogo de Caldas Gomes, senhor da casa do Paço de Vascões que era solar e de D. Izabel Rodrigues de Faria, descendente de Nuno Gonçalves de Faria, senhor das terras e castello de Faria a cujas portas foi assassinado pelos gallegos por não querer entrega-lo. 11.º neto do Rico-Homem D. Garcia Rodrigues de Caldas de Lima illustre fidalgo hespanhol que serviu o rei D. Fernando que teve moradia de conde, senhor de quasi todo o concelho de Coura, do Paço e Torre de Vascões que elle fundou e escolheu para solar de D. Leonor de Souza de Magalhães e Menezes. 12.º neto do Rico-Homem D. Alvaro Rodrigues Gomes de Caldas, senhor das mesmas terras de seu pae. 13.º neto do Rico-Homem D. Fernão Alves de Caldas descendente dos reis de Leão, senhor das villas de Pambre, Rosillas, Caldellas, nas Asturias e reino de Leão. 12.º neto do Rico-Homem Ruy Gonçalves de Souza Magalhães, do conselho de D. Affonso V e senhor das terras da Nóbrega. 13.º neto de João Fernandes de Magalhães, senhor das terras da Nóbrega e primeiro senhor da villa da Barca que foi edificada em terras suas e de D. Izabel de Souza Menezes. 14.º neto de Gil Affonso de Magalhães, herdeiro dos mesmos senhorios e terras de seu pae, senhor do Couto da Fonte-Arcada e do concelho de Souto de Rebordões, e de D. Inês Vasques dama da rainha D. Philippa de Lencastre. 15.º neto de Affonso Rodrigues de Magalhães, senhor da casa e Torre de Magalhães, Villa-Chã e Lar e de D. Thereza Freire filha de D. Nuno Freire. 14.º neto de Ruy Vaz Ribeiro, senhor de Pedrogão e de D. Violante de Souza Menezes. 15.º neto de D. Lopo Dias de Souza de Menezes, mestre da Ordem de Christo, senhor de Mafra, Xara, Ulmarinho, Ericeira etc. e de D. Maria Ribeiro, dama muito nobre. 16.º neto de D. Alvaro Dias de Souza e de D. Maria Telles de Menezes assassinada covarde e infamemente pelo infante D. João, seu segundo marido, filho de D. Pedro e D. Ignez de Castro, na casa de Sub-Ripas em Coimbra. 17.º neto de D. Diogo Affonso de Spuzza, senhor de Mafra e Ericeira e de D. Violante Lopes Pacheco, descendente de D. Fernão Jeremias, fidalgo que veio para Portugal com o conde D. Henrique. 18.º neto do infante D. Affonso Diniz e de D. Maria Paes da Ribeira. 19.º neto do rei D. Affonso III e de uma dama muito nobre. 19.º neto de D. Pedro Anes de Aboim ou de Portel povoador e fundador da villa de Portel e de D. Constança Mendes de Souza. 20.º neto de D. João Peres Aboim Rico-Homem privado e mordomo-mór do rei D. Affonso III e seu companheiro da mocidade. 21.º neto de D. Pedro Ourigues da Nóbrega Senescal que prestou grandes serviços ao reino. 22.º neto do grande capitão D. Ourigo da Nóbrega "O Velho," que tomou aos mouros as terras da Nóbrega, hoje Ponte da Barca, tronco dos Aboins e Nóbregas.

(Continua)

# Anecdotas históricas

## Ditos e pensamentos



**Seneca a Lucillo**

UMA carta de Seneca ao seu discípulo Lucillo:  
—Vive com os homens como se Deus te visse, falla com Deus como se os homens te escutassem.

### Thomaz Moro

Dizia Thomaz Moro:  
—Os beneficios que nos fazem escrevemo-los no pó, e os agravos que recebemos escrevemo-los em marmore.

### Sabios e ricos

O filosofo Simónides respondeu aos que lhe perguntaram o que mais devia desejar-se, se a sabedoria se a riqueza:  
—Não sei qual seja melhor, pois vejo os sabios frequentarem assiduamente as casas dos ricos.

### Experimentar os amigos

Estranheza do philosopho Antistenes:  
—Tenho notado que quando compramos algum vaso, viramo-lo, reviramo-lo, enchemo-lo d'agua, pomos todo o cuidado em saber se está quebrado e se é bom ou mau; e que quando escolhemos um amigo, somos tão ignorantes que o admittimos na nossa amizade e companhia sem fazermos demorada experiencia.

### Ingratos

O douto prégador e vernaculo estylista padre Antonio Vieira fallou assim dos ingratos:

—Deixae-os ser ingratos para que vós sejaes mais glorioso. Um grande merecimento sobre uma grande ingratidão fica muito mais subido. Se vossos feitos foram romanos, consolae-vos com Catão que não teve estatua no Capitolio. Vinham os estrangeiros a Roma, viam as estatuas d'aquelles varões famosos e perguntavam pela de Catão. Esta pergunta era a maior estatua de todas. Aos outros poz-lhes estatua o Senado, e a Catão o mundo.

### Guerras civis

Era opinião de Machiavel:  
—Em guerras civis a persuasão jamais teve bom resultado; mas a força quando pode obrigar, de maravilha deixa de conseguir os seus fins.

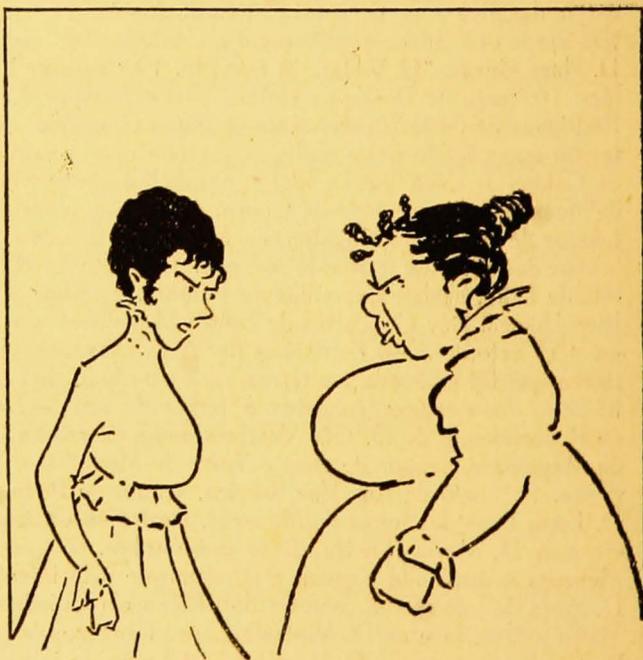
### D. Pedro de Lima

Dizia-se de D. Pedro de Lima, que foi um dos mais valentes capitães que pelejaram na India.

Nunca houve empreza grande a que o não mandassem, nunca o mandaram que não fosse, nunca foi que não pelejasse, nunca pelejou que não vencesse.

### A vide

O philosopho Anacharsis dizia:  
—A vide produz trez cachos: o primeiro causa gosto, o segundo delirio, o terceiro ruina.  
É um gracioso accrescentou:  
—O primeiro copo pertence á sêde, o segundo ao gosto, o terceiro á embriaguez, o quarto ao furor.



—O Alberto diz que o inferno não existe.  
—Deixa-o casar, que nós ambas lhe provaremos o contrario!...

# Monte Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade  
dos Clerigos Pobres de Lisboa

o clerigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguinte documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.  
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clerigo residir na Archidiocese de Braga deve dirigir-se ao Rev. Padre Antonio José de Carvalho, residente na rua de Santa Margarida, 9, em Braga, ou ao Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monsanto; ambos são socios correspondentes do Monte Pio.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o general dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o general dos socios residentes fóra de Lisboa.

# Frigideiras e Restaurante CASA DO CANTINHO



Largo de S. João do Souto  
BRAGA

Estabelecimento mais antigo  
e acreditado n'este genero

A. de Menezes

## MANUAL DAS FILHAS DE MARIA (Congregações marianas)

Preços:—Encadernado em carneira, 490; em chagrín, corte doirado, 540 réis.

## MANUAL DOS CONGREGADOS DE N. SENHORA

Preços:—Encadernado em percalina, 440; em carneira, 490; em chagrín, corte doirado, 540 réis.

Novas edições, feitas por A. de Menezes, em harmonia com as ultimas regras publicadas.

Franco de porte. Para registo, mais 50 réis por pacote. Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia, devem ser feitos a ANTONIO GOMES PEREIRA, Calle San Telmo, 21—TUY.

## Arte e Religião

Officinas de esculpura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

PORTO

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encommendas para as Provincias, Ilhas, Ultramar e Brazil.

Preços e todas as informações

Fereira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

## Hotel e restaurante

Garrido

VIZELLA

Este afamado hotel está situado no centro da povoação e muito perto do estabelecimento dos banhos.

Bom e limpo serviço de mesa, quartos arejados e luxuosos. Seriedade em todos os seus contractos. (80)

Dirigir ao proprietario

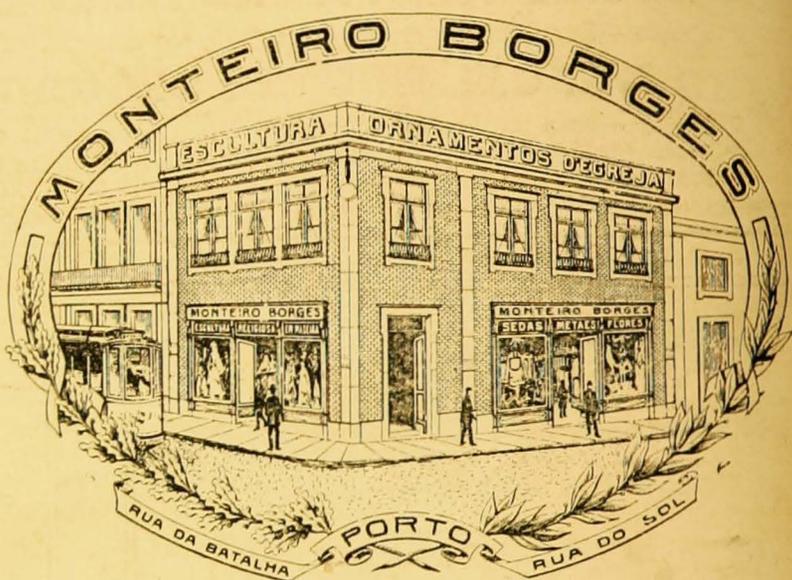
José Garrido Vasques

# As Egrejas

Fornecem-se d'esta casa por  
ser a mais completa no seu  
genero em Portugal.

ALFAIAS

Ricos modelos em objectos de  
prata, cristalle, metal e cristal fino.



## PARAMENTOS

O primeiro *stok* de paramen-  
taria e os maiores *ateliers*.

IMAGENS

A mais bem montada officina  
de *Esculpturas religiosas em ma-*

*deira* mas só de madeira, as quaes poderão ser admiradas atravez dos seculos.

**Faça-se um confronto.**